

RECIFE E SUAS ÁGUAS: O REMO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ESPACIAL (INÍCIO DO SÉCULO XX)

Nara Romero Montenegro¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar como aspectos geográficos associados à prática do remo contribuíram para formação de uma identidade espacial na cidade do Recife no início do século XX. Identificada como cidade anfíbia, permeada por águas doces e salgadas, além de um vasto manguezal, este sítio caracteriza-se de uma forma bastante específica, sendo amplamente estudado pelo campo da geografia e do urbanismo. A partir de levantamento bibliográfico associado ao trabalho documental em fontes, como jornais, revistas e fotografias acerca da modalidade remo, discute-se a constituição e afirmação de uma identidade local. Esporte, espaços naturais e urbanos encontram-se como potencial na formação de uma comunidade imaginada, que compartilha discursos e imagens de si.

Palavras-chave: remo; identidade espacial; Recife; história do esporte.

Recife and its waters: rowing in the formation of spacial identity (Early Twentieth-Century)

Abstract: This article aims to analyze how geographical aspects associated with the practice of rowing contributed to the formation of a spatial identity in the city of Recife in the early twentieth century. Identified as an amphibious city, crossed by rivers and sea water, in addition to a vast mangrove swamp, this site is characterized in a very specific way, being widely studied by the knowledge of geography and urbanism. Based on a bibliographic survey associated with documental work in sources such as newspapers, magazines and photographs about the rowing, the constitution and affirmation of a local identity are discussed. Sport, natural and urban spaces meet as potential in the formation of an imagined community, which shares speeches and images of itself.

Keywords: rowing; spatial identity; Recife; sports history.

Recife y sus aguas: el remo em la formación de la identidad espacial (principios del Siglo XX)

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar cómo los aspectos geográficos asociados a la práctica del remo contribuyeron a la formación de una identidad espacial en la ciudad de Recife a principios del siglo XX. Identificado como una ciudad anfibia, permeada por agua dulce y salada, además de un vasto manglar, este sitio se caracteriza de manera muy específica, siendo ampliamente estudiado por el campo de la geografía y el urbanismo. A partir de un levantamiento bibliográfico asociado al trabajo documental en fuentes como periódicos, revistas y fotografías sobre la modalidad de remo, se discute la constitución y afirmación de una identidad local. Los espacios deportivos, naturales y urbanos se encuentran como potencialidades en la formación de una comunidad imaginada, que comparte discursos e imágenes de sí misma.

Palabras clave: remo; identidad espacial; Recife; historia del deporte.

¹ Mestre em Educação. Licenciada em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas (SP), Brasil. Email: nararomerom@hotmail.com.

Introdução

Cidade estuário, cidade anfíbia, Veneza Brasileira são qualificativos comuns para caracterizar a cidade do Recife. Banhada pelas águas doces dos rios Capibaribe, Beberibe e Tejipiô, bem como pelas águas salgadas do Oceano Atlântico, o Recife formou-se em meio a águas, canais e pontes. Não bastasse essa confluência, outros dois elementos singulares marcam a geografia do local: presença de arrecifes próximos à costa, constituindo um “porto natural”, e a formação, em meio a água doces e salgadas, de um ecossistema de manguezal.

No século XIX, o Recife era formado por três bairros que se separavam e uniam-se pelos rios e pontes: Recife, Santo Antônio e Boa Vista. O porto, desde o período colonial, ainda era a principal atividade econômica da cidade, responsável pelas dinâmicas de exportação e importação de produtos e mercadorias que saíam e chegavam do exterior. Os rios, sobretudo o Capibaribe, exerciam função de escoamento, ligando o porto no litoral atlântico à produção, sobretudo do açúcar, que vinham do interior de Pernambuco e de outras então províncias (MELO, 2007; CASTILHO, 2011).

Essas particularidades geográficas do Recife fizeram desse sítio urbano um lugar estratégico de exploração da colonização portuguesa, também disputada pela colonização holandesa no século XVII. A capacidade produtiva da região de massapê, associada à possibilidade de transporte interno e externo, fizeram do Recife um núcleo emblemático da experiência colonial brasileira.

No final do século XIX e sobretudo a partir do século XX, a formação de identidades brasileiras, regionais e locais constitui-se nos mais diversos contextos brasileiros. Os processos de independência, de abolição da escravidão e de instauração da república brasileira estiveram acompanhados de um conjunto transformações, dentre eles a criação de instituições, o fomento de uma produção artística brasileira ou sobre o Brasil e a modernização e urbanização das cidades. Era preciso não só alterar um sistema político, mas fazê-lo legítimo. Mitos de origens, histórias, símbolos são evocados para forjar a ideia de uma nação, denominado por José Murilo de Carvalho (1990) como a “formação das almas”.

No contexto da formação da identidade brasileira ainda no século XIX, a criação da Academia Imperial de Belas Artes foi um marco, ao trazer, formar e reunir nomes como Jean-Baptiste Debret, Victor Meirelles e Pedro Américo, produtores de célebres imagens alegóricas na formação identitária nacional. Na linguagem literária, o romantismo brasileiro liderado por José de Alencar e Gonçalves Dias também criou e fomentou mitos de fundação e representação do povo brasileiro.

Em meio aos mitos, essas produções artísticas ressaltavam os espaços de natureza ao redor do país. Rios, florestas, matas, mares, serras eram evocados para compor as cenas e recheá-las de elementos tropicais típicos, dentre elas algumas expressões que se eternizaram no

imaginário popular: as margens plácidas do Ipiranga onde o grito de independência ecoou, os verdes mares bravios e os bosques cheios de vida. A terra – em seu sentido amplo – foi intensamente celebrada na arte do período.

No início do século XX, outras correntes literárias surgem, dentre elas o Modernismo e o Regionalismo, tematizando questões nacionais com teor crítico. A seca, o coronelismo, a desigualdade social, o cangaço, a cultura afro-brasileira são temas recorrentes em nomes como Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Manuel Bandeira, Raquel de Queiroz etc. Ainda que contrários a idealização romântica da formação identitária brasileira, questionando harmonia na experiência colonial e em suas consequências para realidade social brasileira, produziram obras que recorriam a aspectos singulares da natureza brasileira, local e regional.

Esses autores, grande parte de origem nordestina, ao mesmo tempo que contribuíam para formação de uma identidade nacional ao retratar os sujeitos que encarnavam a nacionalidade supostamente mais “pura”, como o sertanejo, o cangaceiro, o pescador, o capoeira, delineavam também a imagem de um Nordeste como região singular, que teria preservado a essência da suposta brasilidade, caracterizando-se como região possuidora da genuinidade nacional. (ALBUQUERQUE, 2011). Imagem forjada e perpetuada também nas obras *Casa Grande & Senzala e O Nordeste* do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (1933, 1985).

Mais uma vez, ainda que com outros sentidos, natureza e seus elementos aparecem como centrais na formação desses sujeitos sociais e na realidade social que os circunda. Seja devastadora ou fértil, fonte de labuta ou de lazer, dominada ou indomável a natureza acompanha a vida, ou, é mesmo a própria vida, como na afirmativa poética de Eduardo Campos (2003, p.123): “Quem diz mar, diz jangada, diz jangadeiro”.

A identidade espacial foi recorrentemente operada na constituição de um imaginário identitário brasileiro, nacional ou regional, principalmente a partir do século XIX. Essa identidade constituída a partir da espacialidade recorre a elementos espaciais singulares que diferenciam um determinado espaço de outros (LINS, 2011). Elementos da natureza, como rios, lagos, mares, bosques, matas, florestas, mangues e as relações que se estabelecem em determinados lugares com estes elementos contribuem para a constituição de identidades espaciais que se expressam dentro de um contexto de identificação com outros elementos - artísticos, urbanísticos, históricos, econômicos etc.- e que corroboram com a discursividade da identidade nacional, regional ou local.

Assim como os discursos anunciam um mundo social, práticas são também formas de o representar (CHARTIER, 1990; 1991). O esporte como prática esteve presente em diversos contextos brasileiros no começo do século XX, enunciando lugares ou mesmo criando enunciados sobre eles. Seja nas ruas, parques e praças ou nas praias e beira de rios essa

prática moderna higiênica de divertimento e educação, atribuiu um novo sentido a esses espaços (SOARES, 2016).

Particularmente, o remo, que se desenvolveu em diversas cidades brasileiras, levou não só os *rowers* aos rios, bacias, penínsulas, lagos e lagoas, mas todo um conjunto de agentes da prática esportiva, como a audiência, os juízes, os patrões, membros da imprensa, políticos e empresários. Nesta dinâmica esportiva, de novos usos e sentidos aos rios, suas bacias, pontes e cais, uma inédita maneira de experienciar e representar esses espaços delineia. O esporte moderno produz e produziu espaços, ainda que já existentes, segundo John Bale (2003). Ao ser uma forma de estar no mundo, uma prática é, também, uma nova forma de representar este mundo.

Nesse sentido, consideramos a formação de identificação do espaço associada a seus usos. Este artigo tem como objetivo analisar como aspectos geográficos associados à prática do remo contribuíram para formação de uma identidade espacial na cidade do Recife no início do século XX. A partir de levantamento bibliográfico associado ao trabalho documental em fontes, discute-se a constituição e afirmação de uma identidade local atrelada à identidade espacial. Foram reunidas as seguintes fontes que abordavam a temática da modalidade do remo entre os anos de 1900 e 1930: jornais, revistas e fotografias, por eles veiculadas. Consultou-se o jornal Diário de Pernambuco, a Revista Rua Nova e a Revista da Cidade

As águas do Recife: identidade espacial a partir do rio Capibaribe

A discursividade imagético-espacial hegemônica da cidade do Recife, ainda hoje presente no imaginário local e nacional, é a representação associada à *Veneza Brasileira*, imagem que evoca um espaço urbano atravessado por uma abundância de águas. De acordo com Maciel (2005), em pesquisa recente de aniversário do Recife, quando perguntada à população qual lugar mais marcante da cidade, o rio Capibaribe liderou as respostas. Se, para alguns, as pontes do rio evidenciam problemas sociais de uma realidade social específica adquirindo potência mítica, para outros revelam a condição anfíbia da cidade.

Além da natureza e seus elementos, os aparatos arquitetônicos a ela associada são representados a partir de sentidos afetivos, que destacam sentimentos de pertencimento e de diferenciação. Segundo Lins (2011, p. 72),

Cidades à beira do mar, de um rio ou de um lago jogam com o elemento natural que, integrado com o elemento arquitetônico, compõem imagens espaciais dotadas de valor simbólico e de forte apelo visual. Essas singularidades, que diferenciam uma cidade de outra, pode se tornar uma identidade espacial. Assim foi construída a identidade espacial do Recife, a partir dos

aspectos físicos-naturais que acompanham a cidade desde a sua fundação: a presença do mar, os arrecifes, os rios, as ilhas, inicialmente.

A própria imagem da *Veneza Brasileira*, embora recorra a outra referência (Veneza), guarda suas singularidades. *Veneza Brasileira*, alcunha criada pelo escritor do romantismo brasileiro Gonçalves Dias, também referida pelo modernista recifense Manuel Bandeira², remete a uma aproximação e a um distanciamento entre a capital pernambucana e a cidade italiana, de acordo com Lins (2011). Por um lado, assemelha-se no cenário urbano entremeado pelas águas e pontes, por outro, distancia-se, afinal o adjetivo “brasileiro” evoca uma outra representação, diferenciando-a daquela italiana/europeia.

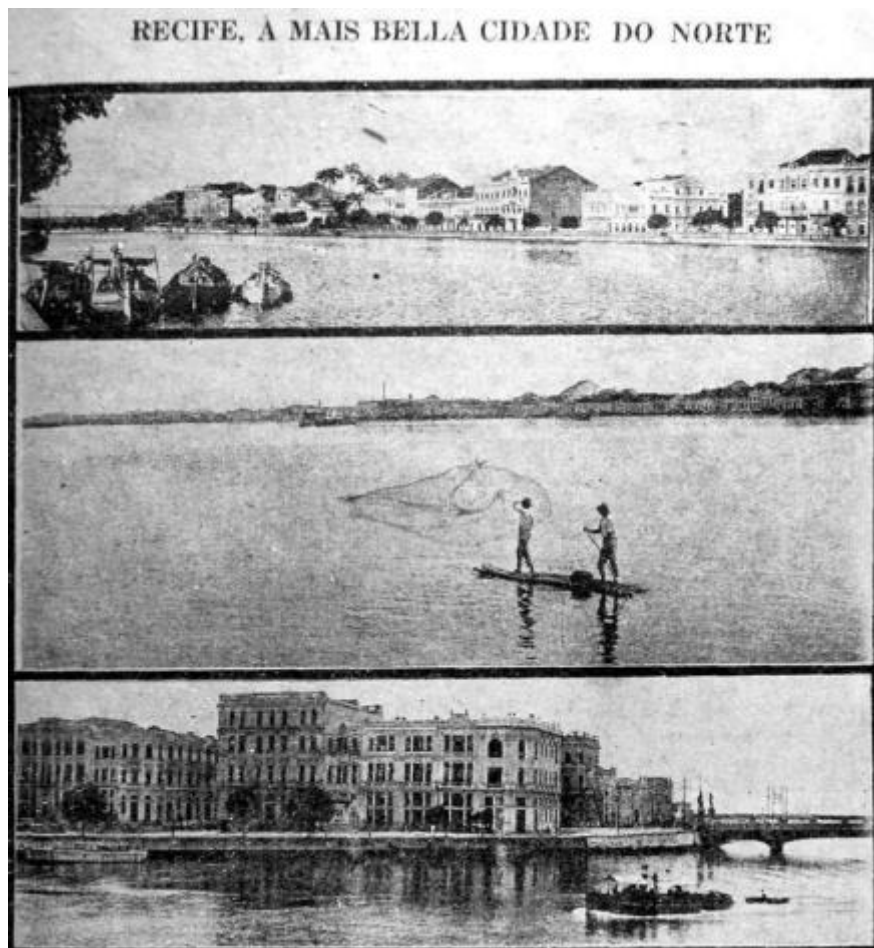


Figura 1 – Homenagem ao Recife
Fonte: Rua Nova, Recife, n.50, 1926.

² Expressões encontradas no poema *Tabira, Dedicatória aos Pernambucanos* de Gonçalves Dias, publicado em 1848 no livro *Segundos Cantos*, e no poema *Evocação ao Recife* de Manuel Bandeira, publicado em 1930 no livro *Libertinagem*.

A imagem desta cidade das águas é também produzida e difundida na imprensa. A *Revista Rua Nova* ao celebrar o Recife, denominada “a mais bella cidade do norte” recorre a três imagens, todas elas tem como protagonista o rio Capibaribe, relacionando-o com edificações tradicionais, modernas, bem como com os trabalhadores do mar, tipos populares típicos daquele cenário. Conforme legenda que acompanha as imagens, a celebração desse aspecto da cidade merece evidência:

O recife, com suas pontes, esplendida situação topographica e modernas edificações, é, realmente, a cidade mais bella do Norte, mercê do concurso da natureza, operosidade de seus habitantes e dedicação de seus administradores.³

Percebe-se que apesar de central nas imagens, o rio não é mencionado, apenas os elementos arquitetônicos, pontes e edificações a ele associado. A titulação de cidade mais bela do Norte na fonte, designação que até então abrangia a região Nordeste, é atribuída à natureza, mas também aos habitantes e administradores, elaborando uma identidade espacial fundamentada não só na natureza física local, como no trabalho e na cultura.

Segue então a descrição de cada fotografia da imagem (FIG. 1), conforme a fonte: “Ahi estão tres aspectos interessantes: 1º - a rua da Aurora, à margem do Capibaribe. 2º - um flagrante do “lançamento” da rêde, pelos legendários jangadeiros do nordeste. 3º - o novo bairro do Recife, visto do rio.”⁴

Nesse trecho descritivo das fotografias, a primeira delas retrata a Rua da Aurora, rua não só tradicional para história do Recife, como emblemática na paisagem do centro da cidade, destacando-se como “rua cartão postal” (SILVA, 2020). Localizada na região central do Recife, no bairro da Boa Vista, originalmente terreno alagado, no século XIX o local foi aterrado possibilitando o desenvolvimento de um núcleo urbano. A rua da Aurora margeia em grande parte as águas do Capibaribe e, ao norte, ainda encontra pequena parte o rio Beberibe. O nome lírico da rua se deve as suas edificações estarem de frente para o sol nascente, portanto, expostos à aurora do dia. Esta primeira fotografia, além de trazer a paisagem da rua com suas edificações, deixa ver quatro embarcações no canto esquerdo em primeiro plano, bem como uma ponte em segundo plano. A imagem recorre a um conjunto discursivo associado ao rio que incluem natureza local, edificações urbanas, empreendimentos arquitetônicos como pontes, barcos, considerados equipamento significativo naquele contexto sócio-histórico, unido, dessa forma, esses elementos numa linguagem visual afetivo em paisagem emblemática, como a Rua da Aurora, inclusive de onde se via algumas regatas esportivas.

³ RECIFE a mais bella cidade do Norte. Rua Nova, Recife, n. 50, 1926.

⁴ RECIFE a mais bella cidade do Norte. Rua Nova, Recife, n. 50, 1926.

Na segunda fotografia, o rio aparece também como lugar poético, associado, porém, ao trabalho. Dois pescadores sobre uma jangada sem vela flutuam nas águas do Capibaribe. Um deles lança a rede na água, o outro conduz a embarcação com uma vara. Os pescadores estão em primeiro plano na imagem em local ermo, e ao fundo vê-se a cidade. A distância real remete a distância simbólica, recorrentemente tratada entre tradição e modernidade. Os pescadores, além de reconhecidos por preservar aspectos da cultura local, celebravam a “originalidade da cultura material náutica local” (AROUCHA, 2017, p. 256), em período de aterragens, construção de edificações, reformas urbanas pelas quais o Recife passava no final do século XIX e início do XX.

Na terceira e última fotografia da Figura 1, em perspectiva inversa da primeira imagem, o bairro do Recife é retratado. As águas do Capibaribe aparecem na parte inferior, bem como uma embarcação e uma ponte que liga o bairro Santo Antônio do bairro do Recife, o qual a legenda refere-se como o “novo bairro do Recife”⁵. Destaca-se na imagem as edificações imponentes desse “novo” bairro, caracterizadas como construções modernas para o período.

Analisando o conjunto das três imagens, todas tematizando o rio Capibaribe, nota-se exaltação de identidades espaciais do Recife. O rio por meio de linguagem visual afetiva conecta uma rua tradicional, trabalhadores típicos locais e uma parte supostamente nova da cidade. A identidade local entrelaça aspectos modernos que não necessariamente se opõem a aspectos da tradição, esta, na verdade, deve compor parte dos discursos para que não se esvaia a suposta genuinidade local. Velhas embarcações, trabalhadores da pesca, a rede, a vara simbolizam, juntamente com os novos aspectos modernos urbanos, como pontes, ruas e edificações, a característica paisagem local do rio que perpassa o Recife no começo do século XX.

Nota-se, então, um discurso visual afetivo que não precisa ser homogêneo, mas demanda uma força coesiva. As práticas, dentre elas o remo, engendraram também representações que fomentavam a identidade espacial local, associado ao Capibaribe.

O encontro com o rio: o remo e a produção de um espaço

A valorização do Rio Capibaribe em suas dimensões geográficas, arquitetônicas e econômicas, agrega-se ao seu sentido afetivo e identitário. A dimensão histórica de ocupação das margens desse rio, intensamente explorada na colonização, conforme Cantarelli (2020), mantém ainda vestígios da arquitetura colonial, marcante na constituição da identidade local.

Embora recorra ao passado mais remoto, a produção de sentido de um espaço, entretanto, é passível de reformulações. De acordo com

⁵ RECIFE a mais bella cidade do Norte. Rua Nova, Recife, n. 50, 1926.

Pesavento (1995, p. 115-116), “a identidade é uma construção imaginária que se apoia sobre os dados concretos do real e os reapresenta por imagens e discursos onde se realiza uma atribuição de sentido”. Discursos e práticas são dessa forma dispositivos de atribuição de sentido para determinada representação, neste caso, espacial.

O esporte, enquanto prática e discurso, produz espaços, ou talvez, produz sentidos sobre determinados espaços. O rio, embora estivesse lá desde tempos remotos, ganha um novo significado com a emergência do remo enquanto prática esportiva moderna.

No final do século XIX algumas iniciativas de organização da prática esportiva do remo já se delineavam. A institucionalização, entretanto, data do começo do século XX com o surgimento dos clubes esportivos: *Club Náutico Capibaribe (1901)*, *Sport Club do Recife (1905)* e *Clube Sportivo Almirante Barroso (1909)*⁶.

As regatas, como são denominadas as competições de remo, ocorriam em algumas áreas do rio Capibaribe, como na Bacia de Santo Amaro⁷, na Bacia da Rua da Aurora⁸, na Bacia do Gasômetro⁹, na Bacia da Villa Nautica¹⁰, a depender da instituição que organizava o evento esportivo. Em algumas notas, a referência do trajeto da competição esportiva era ainda determinada pela arquitetura: “Em fins de fevereiro os moradores de Magdalena projectam magnifica regata entre as pontes da Capunga e Magdalena”¹¹. As bacias, com seus sentidos geográfico, passam a ser uma referência espacial esportiva, bem como as pontes, que originalmente tem sentido de deslocamento, passam a determinar uma trajetória da competição. Este novo olhar para os espaços que rodeiam o rio, carregado de sentidos, engendram novas formas de representá-lo.

Os cais e as bacias abrigavam ainda os pavilhões que serviam como arquibancada para o público, famílias, sócios e convidados que iam assistir às regatas:

A’ hora em que se realizou o primeiro pareo já os pavilhões dos diversos clubs, armados ao largo do bello caes, se encontravam á cunha, notando-se ainda que fora dos referidos pavilhões se grupava avultada multidão que enchia toda a extensão do trecho em festa.¹²

Os clubes que possuíam sede ou garagem nas margens do Capibaribe, aproveitavam seus espaços para atrair um público de torcedores e entusiastas do esporte, divertimento consumado nas

⁶ O remo é considerado uma das primeiras práticas esportivas modernas a chegar ao Brasil, institucionalizando-se desde final do século XIX, de acordo com pesquisas realizadas no tema. Ver: Melo (1999); Medeiros (2021); Musa (2021); Dias e Soares (2014).

⁷ CLUB Nautico. Diário de Pernambuco, Recife, 24 de nov. 1903, p. 2.

⁸ A REGATA. Diário de Pernambuco, Recife, 18 de nov. 1902, p. 2.

⁹ SPORT Club do Recife. Diário de Pernambuco, Recife, 7 de ago. 1911, p. 3.

¹⁰ ESPORTE Regata. Diário de Pernambuco, Recife, 8 de jan. 1910, p. 2.

¹¹ REGATA. Diário de Pernambuco, Recife, 22 de jan. 1902, p. 1.

¹² Diário de Pernambuco, Recife, 27 de nov. 1916, p. 3.

primeiras décadas do século XX. As margens do rio Capibaribe eram, dessa forma, transmutados nos dias de regatas. Na Figura 2, que retrata a rua da Aurora, observa-se um pavilhão em um desses domingos. Além dos sujeitos encostados ou sentados sobre o parapeito, há ainda na parte superior outros espectadores no pavilhão. Sobressai-se na imagem, ao canto esquerdo, homens dependurados nos gradis do pavilhão, revelando uma cena de grande alvoroço e encantamento daquele público.

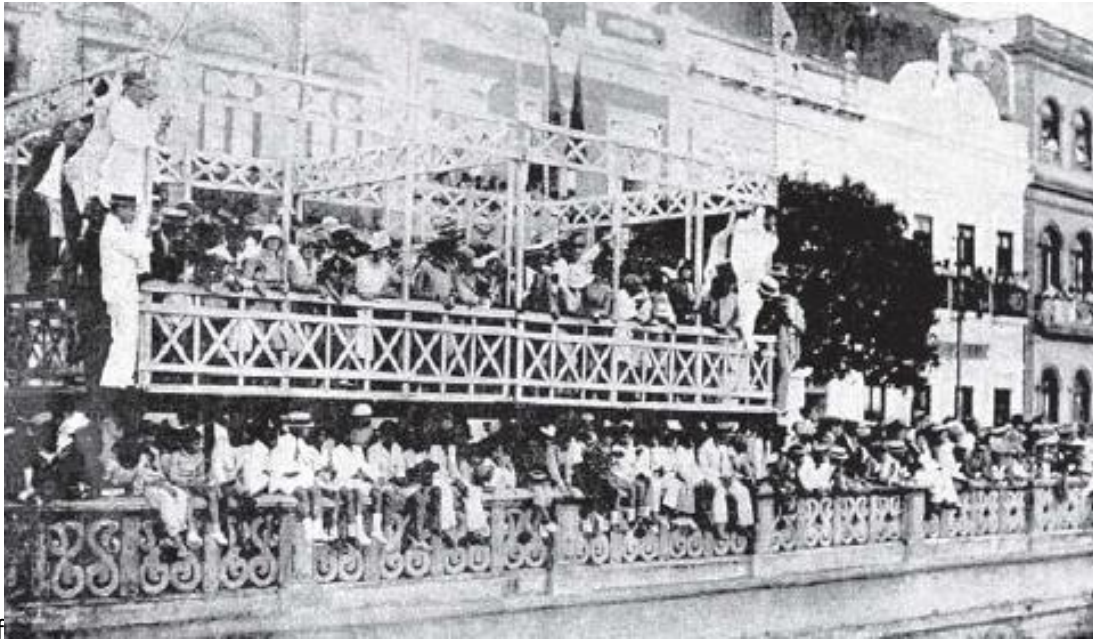


Figura 2 – Regatas de Domingo
Fonte: Revista da Cidade, Recife, 15 jun. 1929.

A imagem (FIG. 2) remete também a um ambiente festivo, corroborando com os seguintes excertos das fontes: “Oxalá que o Club náutico Capibaribe faça uma *bella festa fluvia*”¹³, “magnifico exito da festa”¹⁴, “a festa náutica começaria às 13 horas, mas já às 12 a affluencia de espectadores era grande.”¹⁵. Além da multidão e da euforia, comumente, as festas náuticas do remo eram acompanhadas de bandas de músicas, serenatas e coretos.

A festa é um evento que instaura em certa medida uma ruptura com tempo medíocre. Essas celebrações esportivas eram experiências sociais coletivas eventuais de deslumbre e de reuniões e encontros de grupos sociais similares, mas também com grupos que nem sempre conviviam diariamente. Os sentimentos mobilizados na festa esportiva evocavam sentimentos de coletividade, afluíam emoções seja pela narrativa da competição, seja pela experiência compartilhada com os outros que o cercavam. A imprensa também alimentava essa vivência nos

¹³ CLUB Nautico. Diário de Pernambuco, Recife, 24 de nov. 1903, p. 2.

¹⁴ ESPORTE. Diário de Pernambuco, Recife, 16 de jan. 1910, p. 2.

¹⁵ Diário de Pernambuco, Recife, 27 de nov. 1916, p. 3.

momentos que antecediam e sucediam as regatas, generalizando, dessa forma, um discurso de progresso, civilidade e jubilamento como uma experiência coletiva.

Em alguns casos as regatas ocorriam mesmo como celebração de um evento cívico ou do natalício de clubes. Em 11 de junho de 1902 foi realizado uma regata em homenagem a batalha do Riachuelo¹⁶. O 7 de setembro, dia da Independência brasileira, era uma data também bastante simbólica para eventos de regatas. Além disso, os clubes esportivos promoviam eventos esportivos, em que incluíam regatas na programação, nas datas celebrativas de aniversário, conforme imagem a seguir (FIG. 3).

¹⁶A REGATA. Diário de Pernambuco, Recife, 18 de nov. 1902, p. 2.

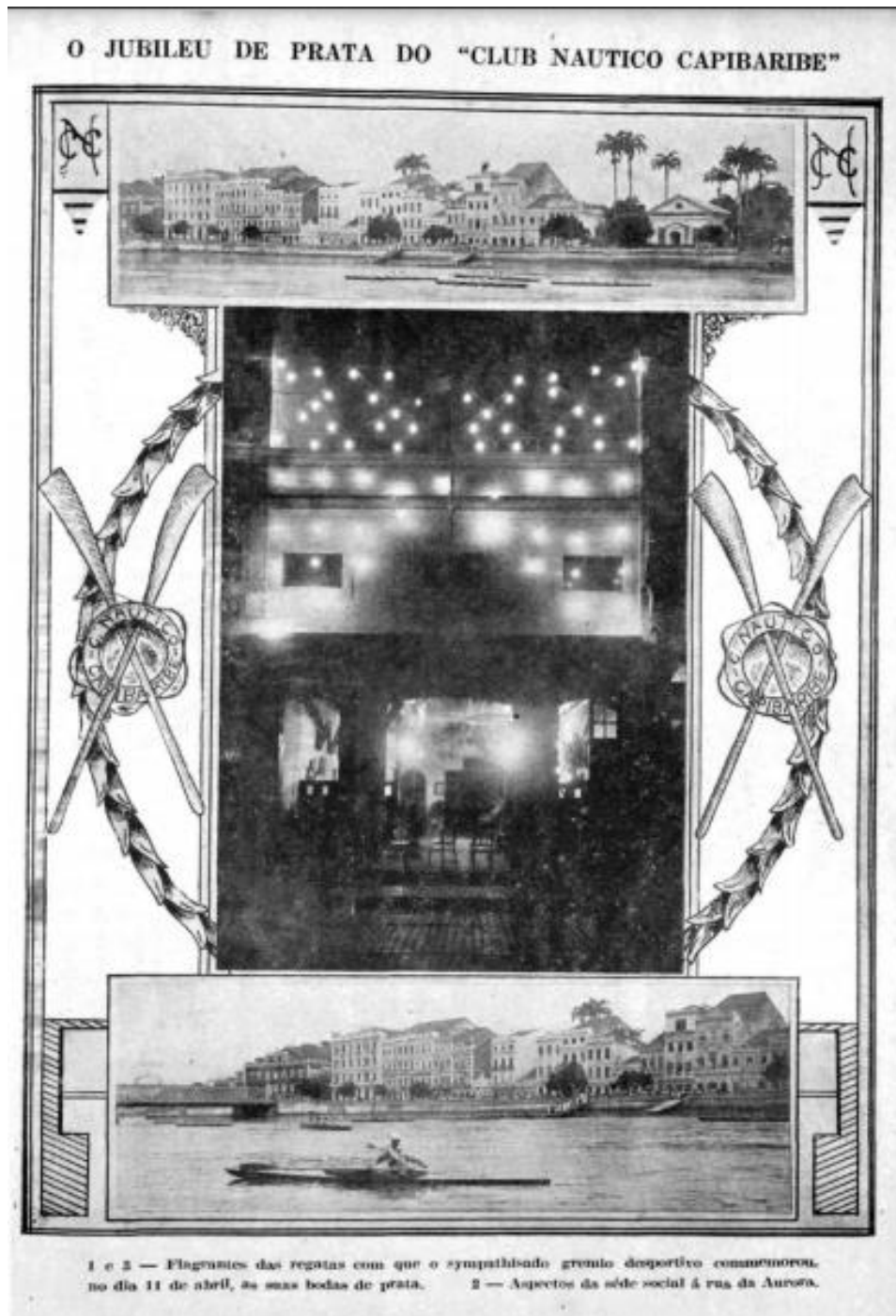


Figura 3 – Aniversário do Clube Náutico
Fonte: Rua Nova, Recife, n.51, 1926

A imagem (FIG. 3), publicada na revista *Rua Nova* no de 1926, homenageia o 25º aniversário do Clube Náutico Capibaribe. Na publicação de página inteira é composta por três fotografias e detalhes que simbolizam elementos do esporte e do remo. A primeira e a terceira imagem, conforme legenda da própria revista, registram “flagrantes das regatas com que o sympathico grêmio desportivo comemorou no dia 11 de abril, as suas bodas de prata.”. Nessas duas imagens, é possível

observar as embarcações flutuando sobre o rio Capibaribe, na terceira mais nitidamente vê-se um *rower*. As imagens deixam ver ainda na paisagem a Rua da Aurora com suas edificações imponentes, onde localizava-se a sede do clube. A imagem central retrata a sede social do clube, situado na rua da Aurora. Detalhes como coroa de louros, flâmulas, flutuadores arredondados e remos acompanham ainda essa composição de engrandecimento do clube e das regatas pela imprensa.

O esporte, a partir da forma ritual em que se manifesta, do orgulho que incita, das emoções que evoca, alimenta aquilo Benedict Anderson (2008) designou “comunidade imaginada”. Embora o autor evoque o termo para abordar a emergência identidade nacional, isto é, conjunto de dispositivos discursivos e práticos que dão ao sujeito de pertencimento por laços invisíveis e intensos a nível nacional, transpomos essa abordagem em termos regionalizados, uma vez que diversos dispositivos discursivos afirmaram uma identidade local e regional. O esporte foi certamente um desses dispositivos, e o evento ou a festa esportiva uma de suas expressões mais alegóricas.

Se os eventos esportivos ocorriam de com uma frequência ocasional, a relação com os clubes era mais corriqueira. A memória local coletiva de espaços emblemáticos para determinados regiões são fomentadas pelos clubes esportivos, perpetuando uma memória afetiva comum de espaços, cheiros, sons e histórias que ali se passaram. (BALE, 2003).

De fato, o rio Capibaribe tinha uma relevância simbólica significativa para o Recife, e o remo, contribuía na ocupação e representação desse espaço. O próprio Náutico proclama o nome do rio para compor seu título completo: Clube Náutico *Capibaribe*. Em algumas notas, inclusive, recorria-se a metonímia e o rio passa simbolizar o clube: “A participação do *Capibaribe* na regata (...)”¹⁷.

Em outras notas esportivas enfatiza-se a beleza e especificidades do rio. Como nos trechos: “as embarcações já singram, céleres, *as águas do majestoso Capibaribe*”¹⁸ e “Auguramos amanhã um dia bonito, sem nenhuma nuvem toldando o espaço e enegrecendo *o estuário diáfano e manso do Capibaribe*, onde se vae ferir o torneio”¹⁹. O rio compõe os discursos acerca da prática esportiva do remo, ele é parte constituinte da modalidade, por isso enaltecido e exaltado em suas particularidades, em suas calmas e límpidas águas.

A constituição da identidade espacial, neste caso, relaciona-se com vínculo e a memória coletiva de um espaço, o rio. O esporte ou o sucesso nessas práticas, segundo Bale (2003), passa a associar-se ao orgulho pelo lugar, seja a nível nacional, regional, local ou até de pequenas instituições. O esporte, sendo assim, possui uma capacidade potencial

¹⁷ UM EXEMPLO lindo de fraternidade esportiva. Diário de Pernambuco, Recife, 7 de nov. 1917, p. 3.

¹⁸ REMO. Diário de Pernambuco, Recife, 19 de out. 1918, p. 6.

¹⁹ ESPORTE. Diário de Pernambuco, Recife, 8 de jan. 1910, p. 2.

de formação de vínculo identitários, fornecendo “uma das poucas ocasiões em que grandes, complexos, impessoais e unidades predominantemente ligadas funcionalmente, como cidades, podem se unir como um todo.” (BALE, 2003, p. 15 – tradução nossa)²⁰.

Considerações Finais

*O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.*

Esta epígrafe abre o poema XX do Guardador de Rebanhos de Álvaro de Campos, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. A ambivalência de que o rio Tejo é e, ao mesmo tempo, não é mais belo que o rio de sua aldeia representa a memória afetiva do eu lírico em relação a um espaço dotado de valor simbólico, o rio de sua aldeia. Embora o rio Tejo seja célebre, tenha relevância econômica e histórica para Portugal, há algo de muito singular no rio de sua aldeia, no simples rio de sua aldeia, sem nome nem história conhecida.

A singularidade de um rio está na experiência e no valor simbólico a ele atribuído em determinado contexto histórico social. O Capibaribe, rio que tem seu curso final no Recife, onde encontra o mar, embora tenha relevância na constituição da história econômica da cidade, destaca-se também por seu valor simbólico na constituição da identidade local.

Espaços da cidade, sejam naturais ou artificiais, são dotados de representações dos sujeitos que ali vivem e convivem. A identidade, ao recorrer a uma série de dispositivos simbólicos (literários, visuais, históricos, etc.), atribui sentido a certos espaços, como sendo mais representativos na constituição de um imaginário de pertencimento.

O Rio Capibaribe, ao abrigar práticas, sejam de trabalho, de deslocamento ou de divertimento, ganha sentidos na formação de uma identidade local. O esporte, como prática recorrente e eventual, inseriu-se nessa lógica compondo também a identidade espacial associado ao rio. Além dos discursos esportivos associar-se àqueles de enaltecimento do rio como símbolo da identidade local, o remo como prática esportiva inaugura uma nova forma de conceber esse espaço.

²⁰ Texto Original: “sport provides one of the few occasions on which large, complex, impersonal and predominantly functionally bonded units such as cities can unite as wholes.”

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Durval. *A invenção do nordeste e outras artes*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

AROUCHA, Davi Costa. *A vara, a vela e o remo: trabalho e trabalhadores nos rios e portos do Recife oitocentista*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2017.

BALE, John. *Sports Geography*. 2ª ed. Londres: Routledge, 2003.
CAMPOS, Eduardo. *Vocabulário Antigo e mais coisas não menos longevas*. Fortaleza: Imprece, 2003.

CANTARELLI, Rodrigo. *Historicismo na arquitetura dos subúrbios recifenses*, um recorte da coleção ecletismo. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2020.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1990.

CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. O ambiente urbano numa perspectiva interdisciplinar: discussão e conceitos que tratam das inter-relações sociedade-natureza, a partir da geografia do Recife. *Revista Brasileira de Geografia Física*, v. 4, p. 872-896, 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v.5, n.11, 1991. P. 173-190.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DIAS, Douglas da Cunha; SOARES, Carmen Lucia. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). *Projeto História* (PUCSP), v. 49, p. 19-49, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

FREYRE, Gilberto. *O Nordeste: aspectos da influência da Cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

LINS, Juarez Nogueira. *Cidade e Identidade: Discursividades Imagético-Espaciais e a Construção da Identidade Espacial do Recife, Veneza Brasileira*. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

MACIEL, Caio. Espaços públicos e geo-simbolismos na “cidade-estuário”: rios, pontes e paisagens do Recife. *Revista de Geografia*, Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE, , v.22, n.1, 2005.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de. *Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949)*, Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Campinas, 2021.

MELO, Vera Mayrinck. A paisagem do rio Capibaribe no século XIX e suas representações. *Paisagem e Ambiente*, v. 23, p. 253-263, 2007.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade “sportiva” :o turfe e o remo no Rio de Janeiro (1849 –1903)*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.

MUSA, Catharina Ulian. Em meio à natureza... nasce o Clube Campineiro de Regatas e Natação (1918-1935). Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n.4, dez. 1995.

SILVA, Milena Torres de Melo. *A integridade visual da Rua da Aurora no Recife: uma reflexão sob a perspectiva da Paisagem Urbana História*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, 2020.

SOARES, Carmen Lucia. *Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana*. 1. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2016.

Recebido em 30 de junho de 2023
Aprovado em 8 de agosto de 2023